

Pronomes: conceitos e pessoas do discurso

Resumo

Pronome é a classe de palavra que substitui o substantivo (nome). Essa classe tem a finalidade de indicar a pessoa do discurso ou situar no tempo e espaço, sem utilizar o seu nome. Além disso, os pronomes podem variar em gênero (feminino e masculino), número (singular e plural) e pessoa (1ª pessoa, 2ª pessoa ou 3ª pessoa).

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Os pronomes substantivos desempenham a função de um substantivo. Já os pronomes adjetivos recebem esse nome porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

Cabe destacar, também, que os pronomes substantivos aparecem isolados na frase, ao passo que os adjetivos se empregam sempre junto de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Observe as frases:

1. Lembranças a todos **os teus**.
2. **Teus olhos** são dois desejos.

A palavra “teus” é um pronome substantivo na primeira, e pronome adjetivo na segunda.

Ademais, os pronomes também podem fazer referência às pessoas do discurso. São elas:

- a) **quem fala**: 1ª pessoa: eu (singular), nós (plural).
- b) **com quem se fala**: 2ª pessoa: tu (singular), vós (plural).
- c) **de quem se fala**: 3ª pessoa: ele, ela (singular), eles, elas (plural).

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

Quer ver este material pelo Dex? Clique [aqui](#)

Exercícios

1. “Todo dia duzentos milhões de pessoas levam suas vidas em português. Fazem negócios e escrevem poemas. Brigam no trânsito, contam piadas e declaram amor. Todo dia, **a língua portuguesa** renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos, e que ela acolhe como filhos. Língua da qual povos colonizados se apropriaram e que devolvem agora, reinventada. Língua que novos e velhos imigrantes levam consigo para dizer certas coisas que nas outras não cabe. Toda noite, duzentos milhões de pessoas sonham em português.”

Texto de abertura do filme “Língua – vidas em português”, de Victor Lopes.

No texto, há uma palavra usada para substituir a expressão “a língua portuguesa”. Assinale a alternativa que apresenta essa substituição:

- a) suas.
 - b) bocas.
 - c) ela.
 - d) línguas.
 - e) português.
2. Fazer 70 anos
Fazer 70 anos não é simples.
A vida exige, para o conseguirmos,
perdas e perdas no íntimo do ser,
como, em volta do ser, mil outras perdas.
[...]
Ó José Carlos, irmão-em-Escorpião!
Nós o conseguimos...
E sorrimos
de uma vitória comprada por que preço?
Quem jamais o saberá?

ANDRADE, C.D. Amar se aprende amando. São Paulo: Círculo do Livro, 1992 (fragmento).

O pronome oblíquo “o” nos versos “A vida exige, para o conseguirmos” e “Nós o conseguimos”, garante a progressão temática e o encadeamento textual, recuperando o segmento

- a) “Ó José Carlos”.
- b) “perdas e perdas”.
- c) “A vida exige”.
- d) “Fazer 70 anos”.
- e) “irmão-sem-Escorpião”.

3. Na frase "Isso pouco importa, eu já lhe falei bastantes vezes", as palavras sublinhadas são, respectivamente:
- a) advérbio de intensidade e pronome indefinido.
 - b) pronome indefinido e advérbio de intensidade.
 - c) pronome indefinido e pronome indefinido.
 - d) advérbio de intensidade e advérbio de intensidade.
 - e) advérbio de intensidade, ambas, mas a segunda está grafada erroneamente no plural.

4. Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, *Evolução política do Brasil*. Adaptado.

O pronome "ela" da frase "Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções", refere-se a

- a) "desmedida ambição".
- b) "Casa de Avis".
- c) "esta burguesia".
- d) "ameaça castelhana".
- e) "Rainha Leonor Teles".

5.

MÚSICA E POESIA

A relação entre música e poesia vem desde a antiguidade. Na cultura da Grécia Antiga, por exemplo, poesia e música eram praticamente inseparáveis: a poesia era feita para ser cantada. De acordo com a tradição, a música e a poesia nasceram juntas. De fato, a palavra "lírica", de onde vem a expressão "poema lírico", significava, originalmente, certo tipo de composição literária feita para ser cantada, fazendo-se acompanhar por instrumento de cordas, de preferência a lira.

A partir de então, configuraram-se muitos momentos em que a música e a poesia se uniram. Segundo Antônio Medina Rodrigues, "a grande poesia medieval quase que foi exclusivamente concebida para o canto. O Barroco, séculos além, fez os primeiros ensaios operísticos, que iriam recolocar o teatro no coração da música. Depois Mozart, com a Flauta mágica ou D. Giovanni, levaria, como sabemos, esta fusão ao sublime".

Durante muito tempo, a poesia foi destinada à voz e ao ouvido. Na Idade Média, “trovador” e “menestrel” eram sinônimos de poeta. Seria necessário esperar a Idade Moderna para que a invenção da imprensa, e com ela o triunfo da escrita, acentuasse a distinção entre música e poesia. A partir do século XVI, a lírica foi abandonando o canto para se destinar, cada vez mais, à leitura silenciosa.

Entretanto, mesmo separado da música, o poema continuou preservando traços daquela antiga união. Certas formas poéticas, ainda vigentes, como o madrigal, o rondó, a balada e a cantiga aludem diretamente às formas musicais. Se a separação de poetas e músicos dividiu a história de um gênero e outro, a poesia não abandonou de vez a música tanto quanto a música não abandonou de vez a poesia. [...]

Luciano Cavalcanti. Disponível em e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/2993/2342. Acesso: terça-feira, 12 de novembro de 2013. Adaptado.

“(...) e com ela o triunfo da escrita (...)”.

Que termo é retomado pelo pronome pessoal “ela” presente no trecho destacado acima?

- a) invenção da imprensa.
 - b) distinção entre música e poesia.
 - c) Idade Moderna.
 - d) poesia.
 - e) Idade Média.
6. Leia o soneto “Aquele triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525? – 1580), para responder a questão.

Aquele triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio que,
de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

O pronome “Ela”, que se repete no início de três estrofes, refere-se a

- a) “piedade”.
- b) “mágoa”.
- c) “saudade”.
- d) “claridade”.
- e) “madrugada”.

7. Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de “temporal”. É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o “agora”, o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmológicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo “clássico”. A expressão “clássico” é usada em contraste com “quântico”, a área da física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

(Folha de S.Paulo, 07.06.1998.)

“Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro.” (2º parágrafo)

Os pronomes destacados no texto referem-se a

- a) “separação”.
- b) “presente”.
- c) “caso”.
- d) “tempo”.
- e) “período”.

8. Leia o soneto “LXXII”, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), para responder a questão:

Já rompe, Nise, a matutina Aurora
O negro manto, com que a noite escura,
Sufocando do Sol a face pura,
Tinha escondido a chama brilhadora.

Que alegre, que suave, que sonora
Aquela fontezinha aqui murmura!
E nestes campos cheios de verdura
Que avultado o prazer tanto melhora!

Só minha alma em fatal melancolia,
Por te não poder ver, Niso adorada,
Não sabe inda que coisa é alegria;

E a suavidade do prazer trocada
Tanto mais aborrece a luz do dia,
Quanto a sombra da noite mais lhe agrada.

Na terceira estrofe, o pronome “te” refere-se a

- a) “alma”.
- b) “melancolia”.
- c) “Nise”.
- d) “coisa”.
- e) “alegria”.

9. Leia:

“Voce é exatamente o que eu sempre quis/
Ela se encaixa perfeitamente em mim”.

O trecho apresenta um fragmento de uma canção, de autoria de Sorocaba. Em relação ao uso dos pronomes, marque a alternativa correta, de acordo com a gramática normativa.

- a) O pronome “ela” indica com quem se fala no discurso.
- b) O pronome “você” indica a pessoa que fala no discurso.
- c) O pronome “você” não indica, gramaticalmente, a mesma pessoa indicada por “ela”, no texto exemplificado.
- d) O pronome “você” se refere, gramaticalmente, à mesma pessoa descrita pelo pronome “ela”, no texto exemplificado.

10. Leia o poema “Dissolução”, de Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987), que integra o livro “Claro enigma”, publicado originalmente em 1951.

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que aprouve ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povações
surgem do vácuo.
Habito alguma?

E nem destaque minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se
e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.
E sem alma, corpo, és suave.

O pronome “te”, empregado no segundo verso da última estrofe, refere-se a:

- a) “imaginação”.
- b) “palavra”.
- c) “rosa”.
- d) “mundo”.
- e) “corpo”.

Gabarito

1. C

O pronome pessoal “ela” é utilizado para substituir a expressão “a língua portuguesa”.

2. D

Os pronomes oblíquos destacados recuperam o segmento “fazer 70 anos” do texto.

3. A

“Pouco” é advérbio de intensidade. “Bastantes” poderia causar dúvidas, pois esta palavra é amplamente utilizada como advérbio, entretanto, advérbios são invariáveis. Nesse caso, a flexão desse vocábulo nos leva a crer e que se trata não de um advérbio, mas de um pronome (equivalente a muitas).

4. C

“Ela” é utilizado para evitar a repetição do termo sobre o qual se fala: “esta burguesia”.

5. A

A partir do trecho “Seria necessário esperar a idade Moderna para que a invenção da imprensa, e com ela o triunfo da escrita acentuasse a distinção entre música e poesia”. A partir disso, fica claro que “ela” retoma a “invenção da imprensa”.

6. E

Em ordem direta, a 1ª estrofe é reescrita desta forma: “Quero que aquela madrugada triste e leda cheia de toda mágoa e de (toda) piedade seja sempre celebrada enquanto houver saudade no mundo”.

Note-se que “madrugada” é o núcleo do sujeito da oração do verbo “ser” ([...] que aquela madrugada triste e leda [...] seja [...]). Na condição de termo nuclear, é retomado pelo pronome pessoal reto “ela”.

7. B

O pronome “seu” é possessivo de característica anafórica e retoma, pelo contexto, o termo “presente.”

8. C

O verso “Por te não poder ver, Nise adorada” indica que o pronome “te” faz referência ao vocativo, “Nise adorada”.

9. C

O pronome “você” não indica, gramaticalmente, a mesma pessoa indicada por “ela”, no texto exemplificado. O pronome de tratamento “você” indica a pessoa com quem se fala no discurso; o pronome “ela” indica a pessoa da qual se fala no discurso.

10. A

O pronome “te”, empregado no segundo verso da última estrofe (“já te desprezo”) refere-se anaforicamente ao termo “imaginação”, vocativo seguido do apostro “falsa demente” no primeiro verso: “imaginação, falsa demente; já te desprezo”.